Religare 7 (2), 117-126, outubro de 2010

RELIGIOSIDADE POPULAR, SANTOS, MAGOS E FEITICEIROS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO LIGEIRO-PARAÍBA

POPULAR RELIGIOSITY, SAINTS, SORCERERS AND WITCHES: AN ETHNOGRAPHIC STUDY IN LIGEIRO - PARAÍBA

Eliane Cordeiro Sanchez Martin
UFCG
Maristela Oliveira de Andrade
UFPB

Resumo: Este trabalho resultou de uma pesquisa etnográfica realizada no Ligeiro-Paraíba, uma comunidade rural que mantém-se fiel a um modelo típico de religiosidade popular, que se caracteriza por uma multiplicidade de crenças e práticas religiosas e mágicas. Para exposição desse universo religioso e mágico local, construímos o relato com os discursos dos moradores dividindo em três campos ou esferas: a religiosa, cuja maior expressão é a fé nos santos e milagres; a mágico-religiosa, através da fé nos ritos de cura das rezadeiras; e a mágica através das demandas junto a feiticeiros, catimbozeiros ou pais-de-santo. Constatou-se ao final da pesquisa que a religiosidade popular dos ligeirenses se caracteriza por se manter na fronteira entre estas esferas da vivência religiosa, compondo novas formas de ser católico.

Palavras-chave: Religiosidade popular; crenças; ritos; magia

Abstract: This paper results from an ethnographic fieldwork carried out in Ligeiro – Paraíba, in a rural community loyal to a typical popular model of religiosity caractherized by beliefs multiplicity as well as magical and religious practices. To expose this religious and magical local universe, the report was done with resident's speeches, dividing them into three fields or spheres: the religious, whose major expression is the faith in saints and miracles, the magic-religious one, through faith on quackers' healing rites, and the magical, through demands to witchers and local sorcerers (catimbozeiros, pais-de-santo). It was realized at the end of the research that ligeirenses' popular religiosity is caractherized by keeping on the frontier of these religious experience spheres, composing new forms of being a Catholic.

Key-words: Popular religiosity, beliefs, rites; magic.

Introdução

Este trabalho baseia-se na dissertação de mestrado em Sociologia Rural da primeira autora, cuja pesquisa de campo ressaltou as práticas religiosas e mágicas tradicionais que animam a vida cotidiana do homem do campo. Embora a pesquisa tenha se realizado a pouco mais de uma década, supomos que o sentimento subjacente a vivência religiosa tradicional tem uma forte tendência a se manter, de modo que acreditamos que os registros das falas dos moradores e as reflexões produzidas por eles possam contribuir para discussão acerca da religiosidade popular na atualidade.

O estudo revelou que o trabalhador rural obrigado a migrar para centros urbanos maiores, assimila novas crenças em sua passagem por outras ofertas religiosas como centros espíritas ou mesas brancas e umbandistas e em seu retorno, traz estas novas experiências religiosas que

terminam por penetrar no meio rural e se amoldar às existentes.

O Ligeiro está situado no Município de Serra Branca - PB e se apresenta dividido em três comunidades: Ligeiro de Cima, Belo Monte e Ligeiro de Baixo. A nossa pesquisa evidenciou as crenças e as práticas religiosas dessas comunidades revelando seus sentimentos e comportamentos acerca dos seres espirituais e como constroem sua história religiosa. Verificamos durante o período de convivência, e através das entrevistas e conversas informais realizadas com os ligeirenses, os de Cima e os de Baixo, que o comportamento religioso deles não se coadunava inteiramente com as manifestações religiosas do catolicismo, haja vista que expressavam práticas cotidianas vinculadas também a uma visão mágica do mundo.

A divisão espacial da comunidade marca uma diferenciação sócio-econômica e étnica, já que o Ligeiro de Cima e Belo Monte são habitadas por proprietários rurais brancos ligados a atividades agrícolas de subsistência e produção de leite e queijos; o Ligeiro de Baixo é formado por mestiços de negros e índios pequenos proprietários de terras imprestáveis para agricultura, vivendo da produção e comércio de cerâmica, e ocasionalmente da prestação de serviços ao Ligeiro de Cima. No que se refere à vida religiosa constatou-se uma diferenciação ao nível do discurso dos moradores das comunidades no que concerne a experiência com práticas mágico-religosas estranhas ao catolicismo. Os Ligeirenses de Cima mostraram dificuldade em relatar envolvimentos com práticas mágicas, diferentemente dos de Baixo que falam de suas práticas sem preconceito.

Foi constatado ainda na comunidade, a influência de padrões urbanos de vivências religiosas, que deu lugar a uma pluralidade religiosa. Contudo, estas vieram se agregar a antiga fé, daí resultando a existência de diversas formas de ser católico.

Religiosidade Popular e ritos mágicos - um percurso conceitual

Para Gramsci (apud Ortiz 1980:121), o universo da religiosidade está permeado pelas crenças mágicas de modo a tornar abertas às fronteiras entre o mágico e o religioso. A religiosidade popular manifesta sua especificidade através de uma linguagem religiosa própria do povo e, por essa razão, pode ser reconhecida como um tipo de comportamento diferente e autónomo.

Segundo Queiroz (1976: 75-76), o catolicismo popular gerou uma heterogeneidade nos ritos e nas práticas religiosas, por isso sua disseminação se dá de forma irregular. Desse modo, a instituição eclesiástica, a Igreja Católica, adaptou-se historicamente às circunstâncias de um catolicismo dividido, devido à separação entre o clero e o povo ao longo dos séculos.

A relação com os santos não necessita de intermediários ou mediadores institucionalizados, os sacerdotes, ou seja, tanto o indivíduo quanto o grupo fazem as promessas independentemente da instituição Igreja. De um modo geral, a promessa é realizada em situações limites, quando a vida, a sobrevivência, os laços afetivos ou comunitários estão em jogo. Então, a ajuda não só de Deus, mas sobretudo dos santos é solicitada. Desse modo, se estabelece uma ligação de compromisso, fidelidade e reciprocidade.

As trocas que se desenvolvem no catolicismo, conforme a concepção de Brandão (apud Moreira, 1994: 59) obedecem a uma "ética da barganha" ou de "religiosidade da troca". Esse tipo de relação entre o sagrado e o profano é muito utilizada na religiosidade popular, em que a promessa exprime um pacto entre o santo que age como intermediário na concessão do pedido ao fiel, enquanto este se compromete a realizar o sacrifício em troca do bem alcançado.

Nesse contexto cabe trazer a teoria do sacrifício de Mauss (2005 p.106), na qual defende a idéia seguinte: “Em todo sacrifício há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá.” Em sua interpretação ele identifica dois mecanismos no sacrifício, de um lado os deuses exigem o sacrifício, ou o seu culto, e do outro a abnegação do sacrificante não é desinteressada, mas egoísta por esperar uma retribuição.

Com relação aos pagamentos das promessas, existem várias modalidades, que vão

desde os festejos aos padroeiros, às rezas de terço, às romarias individuais ou coletivas. Todas essas práticas são chamadas de "ritos de pagamento" ou a"reprodução de novos pedidos", afirma Brandão, (1986 p.132).

A retribuição tida por milagre, significa a retomada da ordem natural das coisas, sendo por isso mesmo o ato visível mais creditado dos poderes espirituais, de acordo com Brandão (1986 p.131). Aliás, o milagre, para o povo, é um acontecimento não somente acessível ao sujeito como rotineiro, uma vez que o milagre é um elemento que preserva a ordem natural das coisas (Brandão 1986 p. 131).

Segundo Zaluar (1980 p.145), a crença no milagre por sua vez se caracteriza por uma consciência de dependência frente ao sagrado, de modo que, o homem não controla nem a sua vida nem o ambiente onde vive, apelando proteção a Deus e os espíritos. É essa atitude passiva diante do mundo que vai gerar a crença ativa no mundo dos mortos, dos santos e de outros seres espirituais, cuja ajuda e prestações de serviços são invocados em momentos de aflição.

A relação com o mundo espiritual, traz a dimensão mágica para a vida religiosa sugerindo não uma ruptura com a fé cristã mas uma continuidade, na qual ritos e crenças vão se juntando ao repertório existente. Seguindo a abordagem de Mauss (1974 p. 52-53) o que distingue primordialmente o campo mágico do religioso, é a dimensão privada em que se realizam os ritos mágicos, em contraste com as práticas tradicionais católicas realizadas habitualmente de forma coletiva e pública.

Os ritos mágicos mais usuais no mundo rural são realizados por agentes ligados a práticas de cura e benzimentos, os rezadores e rezadeiras, cuja atividade é sustentada por um sistema de crenças que tem grande afinidade com o estudado por Evans Pritchard entre os Azande (2005). A crença em bruxaria ou encantamentos através de uma ação maléfica produzida por ação psíquica, parece em certo sentido familiar aos ligeirenses, que a aplicam com freqüência através da crença no mau-olhado. Nestas ocasiões as rezadeiras vão em socorro daqueles que foram vítimas do mau olhado, força semelhante aquela atribuída aos bruxos dos Azande, da qual especialistas ou não entre os ligeirenses ou entre os Azande detêm conhecimento.

Após esse breve percurso podemos tratar especificamente da forma de religiosidade encontrada por esta pesquisa numa comunidade rural da Paraíba.

A religiosidade popular no Ligeiro – breve cenário

A pesquisa etnográfica junto à comunidade do Ligeiro no final da década de 1990 permitiu detectar um quadro singular da religiosidade popular, ao mesmo tempo, em que revelou que esta segue igualmente um padrão existente em todo o mundo rural nordestino. Os registros foram feitos a partir de observação direta e entrevistas com os moradores das três comunidades do Ligeiro, durante estadias de uma a duas semana cada uma, ao longo de oito meses, em que a pesquisadora permanecia na casa de uma das moradoras do Ligeiro de Cima. Foi possível observar o cotidiano dos moradores, e estabelecer diálogos com eles através de entrevistas com roteiros, bem como da observação participante (nos ritos e reuniões de família) para traçar um cenário da vida religiosa e suas práticas mágicas.

A população do Ligeiro seleciona seus ritos e opta por aqueles que fazem parte da vida no campo, de modo que em suas rezas estão aglutinados o homem, o boi, o burro, o porco, a galinha, porque esses animais são parte da vida cotidiana desse homem, constituindo-se em riqueza e sobrevivência no meio rural. Em todos os momentos críticos, os camponeses apelam para os santos, criam laços com eles, porque acreditam que estes são o elo que liga o homem à natureza e a Deus. O mundo rural é profundamente ligado à religião e à natureza de modo que é ela que organiza o mundo real do camponês.

Uma síntese das respostas obtidas nas entrevistas resultou no quadro seguinte das crenças próprias do catolicismo popular: das vinte e seis pessoas selecionadas para a entrevista, todas acreditavam na intervenção dos santos para o sucesso na colheita e na vida

cotidiana do Ligeiro; sete pessoas relataram casos de milagre e dez confessarem terem feito promessas aos santos devotos. Além das promessas e dos milagres, os ligeirenses acreditam também no castigo divino, seis pessoas relataram experiências de punições sofridas pela desobediência aos santos ou não pagamento das promessas.

Com referência ao campo das crenças mágicas, dos vinte e seis entrevistados apenas quatro pessoas não acreditavam no mau-olhado. Esse fenômeno mágico é o segundo mais creditado no local, uma vez que a promessa tem maior número de adeptos. Traduzido em números, dez pessoas acreditam na promessa e oito no mau-olhado e na reza para sua cura, utilizando desses recursos em suas vidas.

Um roteiro das crenças e práticas mágico-religiosas do Ligeiro através dos depoimentos dos moradores

Para melhor entender a singularidade da comunidade do Ligeiro e sua experiência religiosa, uma rápida reconstrução da memória do lugar foi buscada através da história oral dos ligeirenses. A comunidade teve seu núcleo originário formado a partir da família dos Antonino, que se estabeleceu no lugar criando a primeira fazenda que mais tarde fez surgir a localidade denominada Ligeiro. Um relato do mito de origem, justifica a denominação do lugar:

O ligeiro começou de um boi bravo, e muito ligeiro que vinha beber água nessa lagoa. Veio com o meu bisavô, este veio pra pegar esse boi e ficou morando aqui. Como ninguém conseguia pegar esse boi, a localidade passou a ser chamada Ligeiro. (Jos.A.:11)

O primeiro morador do Ligeiro de Baixo era filho de uma índia com um escravo, formando a primeira família, a qual veio se juntar várias outras, onde surgiu um segundo núcleo de povoação que foi denominado Ligeiro de Baixo.

A terceira comunidade de Belo Monte é uma extensão do Ligeiro de Cima, com características físicas e de população idênticas.

O primeiro Antonino deixou como herança, para seus filhos e netos, os costumes de crenças e práticas católicas. Tanto que saíam a pé ou montados a cavalo, ou em burro para assistir à missa em Serra Branca, distante do povoado 12 Km, onde estava localizada a matriz. (S. R. A.: 6) nos disse: "No tempo de papai era muito dificil um padre vir celebrar uma missa no Ligeiro, não vinha não".

O Ligeiro permaneceu sem serviços religiosos locais até 1993, quando os moradores do povoado construíram uma capela que foi colocada sob a jurisdição da paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Serra Branca. Na época da pesquisa o vigário ia ao Ligeiro de três em três meses para celebrar a missa e realizar batizados e casamentos.

No período de sua ausência, a assistência religiosa é feita pelos leigos, os catequistas, preparados pela paróquia através de encontros voltados para preparar a catequese familiar, a orientação aos pais e às crianças e para a primeira eucaristia. "Só gosto da religião católica, o Padre, o Bispo. Deus deixou a Igreja Católica para a gente quando morrer ter para onde ir, para o céu " (S. A.: 22).

Percebemos que este primeiro discurso não correspondia a uma fidelidade de fato da comunidade ao catolicismo, pois ao longo das entrevistas, verificamos que essa expressa fidelidade do entrevistado não acompanhava o comportamento do conjunto ou da maioria da população. Com o desenrolar da pesquisa, a aparência se diluiu, surgindo de modo cada vez mais nítido uma variedade de crenças e práticas tanto religiosas quanto mágicas entre os ligeirenses.

No enfrentamento dos problemas do cotidiano, alguns relacionados com a atividade rural, tais como: os temores da estiagem prolongada, as epidemias nos animais, seguidos dos problemas familiares como as doenças incuráveis nas famílias, e a presença de desajuste familiares, o agricultor expressa sua fé de diversas formas. Através das rezas, cumprindo as promessas feitas aos santos, celebrando as novenas, fazendo procissões e até romarias, os ritos administrados pelos ligeirenses por força

também da tradição. Com isso, a separação sócio-econômica e étnica das comunidades desaparece na reprodução dos rituais da tradição católica.

De acordo com a visão de mundo rural, o campônio criou sua hierarquia religiosa, escolhendo seus santos de devoção associados a suas atividades. Daí, constrói uma arte de viver com base nessas crenças e práticas, em que busca manter o equilíbrio. Ele sabe melhor do que o padre, o santo milagreiro que deve ser eleito como padroeiro de uma localidade, reservando ao sacerdote apenas as cerimônias religiosas. Assim, o camponês nordestino pede a São José (santo dos agricultores) que interceda junto a Deus por uma boa colheita.

No Ligeiro verificou-se a devoção a São José, que participa dos ritos do ciclo agrícola, contudo São Sebastião protetor das pestes, tornou-se o santo padroeiro, mais cultuado na localidade com direito à festa e procissão. O relato a seguir informa como surgiu esta devoção no Ligeiro:

Esse São Sebastião foi doado pelo meu pai, que na época houve doença na criação, nos animais. Fez uma promessa para doar esse S. Sebastião a Paróquia de Serra Branca. (Ed. A.: 23)

Desse modo, o ideal da religiosidade ligeirense é viver com Deus, com os santos e com Jesus com temor aos demônios e as almas mal assombradas. É devido à crença nesses seres portadores do mal e do medo que eles buscam comunicar-se com os santos. Esta comunicação se realiza através de ritos sociais de conteúdos religiosos: as festas, as novenas, as rezas individuais e coletivas. Todas essas práticas são realizadas sem a participação do catolicismo oficial e constituem o elo de ligação entre as três comunidades.

Constatamos que as promessas feitas aos santos continuam valendo para os ligeirenses, mesmo após a morte do fiel, uma vez que seus parentes devem retomá-las e cumpri-las se o falecido não pôde cumpri-la. O descanso da alma do falecido depende do cumprimento da promessa, paga por aqueles que a ele estavam mais próximos no mundo (Zaluar, 1980 p.166). Esta crença foi detectdada no Ligeiro, conforme o relato abaixo:

Meu irmão ficou doente, papai fez uma promessa para ir ao Juazeiro soltar uma dúzia de fogos e rezar o terço. Os anos se passaram e ele não conseguiu ir. Já velho (85 anos), falou com o Padre e este autorizou a pagar a promessa no Ligeiro mesmo. Ele pagou no Ligeiro, mas sempre dizia aquela promessa não está paga por mim. Eu fiz prá ir prá lá. Velho e doente faleceu. (Jos. A.: 11).

O castigo divino estaria vinculado ao não cumprimento das promessas, mas também sua compreensão se estende a todas as áreas da vida humana, onde houver transgressões às prescrições religiosas ou sociais que dificultem um ajustamento social. Sob esta ótica o mal e o castigo fazem parte de uma mesma realidade, de modo que os sofrimentos que afligem os homens são muitas vezes entendidos como castigo, como veremos ao longo desse estudo.

Papai morreu, sem pagar a promessa, não tinha uma semana que não sonhasse com ele. Daquele jeito, ele doente, ficava gemendo de dor, aquela luta. Um dia um tio da gente sonhou com ele pedindo a Estela que fosse pagar a promessa. De lá prá cá eu nunca mais sonhei com ele . (Jos. A.: 1)

Os sonhos também recebem o máximo de importância na religiosidade popular, já que anunciam mensagens, que devem ser levadas a sério. Esta crença está respaldada na convicção de que existe uma relação entre os seres humanos e os seres espirituais. Por essa razão, se a promessa não for devidamente cumprida, a relação é quebrada, acarretando um castigo divino.

No Ligeiro, a promessa realizada como um voto de dar esmolas aos santos é muito comum. A esmola significa uma doação feita em dinheiro, milho, feijão ou animal, com o objetivo de ajudar a obra ou os trabalhos da igreja ou instituição que tem como patrono o santo.

Uma coisa eu sei, quando a gente tá no aperto, pede com fé que vai ser valida. Eu, se for valida, pego aquilo que tenho pouco ou mais ou menos aí reparto com os pobres de S. Vicente: uma feira ou um dinheiro qualquer". (Ma A.: 5).

Esta prática revela uma renúncia como modalidade de sacrifício, sendo muito comum em todo o Nordeste, sobretudo entre os sertanejos e em geral é motivada por uma pressão circunstancial, como uma enfermidade. Assim, a obediência pode ocorrer sobre pressão, como veremos no relato:

Uma vez estava morrendo muita galinha minha. Aí eu fiz uma promessa prá dar uma esmola a S. Sebastião e as galinhas melhoraram. Não sei se foi o remédio que eu dei prá elas ou se foi o Santo. (E C. A.2).

Esse tipo de promessa tem a finalidade de afastar a doença e pragas nas plantações e nos animais e é bastante difundida no meio rural. Isso porque os animais significam riqueza e sobrevivência ao mesmo tempo. Desta forma, se percebeu uma estreita relação entre as promessas no Ligeiro e os problemas cotidianos de sua população, através da devoção a santos protetores capazes de operar milagres. Esta crença é assim definida por uma devota no Ligeiro: "milagre é quando a pessoa tá vendo uma coisa no perigo de não prestar e de momento ela fica boa".

Eu senti uma pancada; ou melhor, como um espinho. Ai eu perguntei: que é isso? Daí um menino disse, lá vai uma cobra! Mais menina, eu morri naquela hora! Eu mesmo dizia; se uma cobra mordesse eu morria! A cobra era jararaca. Ai o povo levou prá casa onde ia ser a procissão, eu queria tomar garapa, não deixaram. Eu estava com sandália vermelha a cobra só mordeu com um dente o outro foi na percata (o milagre). Perto tinha um carro, me levaram prá o hospital. E três dias depois eu estava medicada, melhor. Acho que foi um milagre. (Li. A. :4).

O relato a seguir demonstra que muitas vezes o "fiel" se encontra num momento de tanta aflição que passa da súplica à coação ao santo. Esse comportamento extrapola as relações católicas santo-fiel que, de um modo geral são de suplica e não de coação a divindade. Entretanto, este comportamento faz parte da tradição do catolicismo popular.

0 povo todo reunido prá novena - aí me deu aquela vontade, aquela fé: se eu roubasse o santo de A. ia acontecer o milagre da chuva! Fui ao quarto dela e encontrei o São José. Peguei e botei num lençol do menino. Três ou quatro dias depois choveu! Aí rezei, agradeci a Deus e devolvi o santo. (Jos. A.: 11)

A religião popular se revela como uma forma de experiência humana e religiosa expressa em atitudes concretas, ou seja, o indivíduo faz a promessa e tem que pagá-la. Assim, a ligação entre o sagrado e profano assume um caráter familiar, inclui laços recíprocos de compromissos cumpridos. Por esta razão no relato abaixo, podemos comprovar que a promessa deve ser cumprida, da forma como for acordada entre o santo e o fiel.

Em outro relato, o castigo fica evidenciado de outra forma, em que é a má conduta que serve de explicação, quando, ao deixar a esposa enferma, o marido vai em busca de outra e o quadro então se inverte; a "esposa melhorou a saúde e a sujeita morreu".

Meu avô, ele era um homem muito bom e vivia muito bem com a mulher dele. Depois desentendeu-se com ela, com a mulher legítima. Ela dizia que ele linha outra mulher e ele dizia que não tinha. Até que ele ficou com outra mulher prá ela saber mesmo (que tinha de tanto que ela aperreou ele). Depois ele voltou para casa, a mulher adoeceu, aí ele veio prá cá buscar a 'sujeita' quando chegou lá a mulher verdadeira melhorou. Aí a sujeita adoeceu e morreu.

Quando esgotam-se os recursos que o sistema religioso católico oferece e os problemas não se resolvem, os ligeirenses apelam para a bruxaria e a feitiçaria. No repertório das práticas mágicas ligadas ao mundo rural existe uma categoria de agentes que praticam ritos que ficam na fronteira entre os cultos domésticos e os mágicos propriamente ditos, que são as benzedeiras ou rezadeiras.

Elas podem ser definidas como especialistas ou não, mas realizam os ritos

mágicos através de receitas ou práticas executadas no campo, no curso da vida agrícola. Estes mágicos de ocasião, aparentemente escassos, na verdade são muito mais numerosos do que parecem, visto que os chefes de famílias ou as donas de casa, podem ministrar este tipo de trabalho, o qual é denominado de magia popular.

No Ligeiro entrevistamos quatro rezadeiras - três do L. de Baixo e uma do L. de Cima. Como resposta uma das rezadeiras nos disse que não rezava mais, deixando transparecer que ela recusou assumir-se como praticante desse tipo de cura; a segunda rezadeira nos revelou sua definição de bruxaria, e finalmente as duas últimas nos relata suas experiências como rezadeiras. Os relatos a seguir se referem às práticas empregadas para curar o mau-olhado, quais os sintomas do mau-olhado e quando rezar o rosário.

A rezadeira (A. R.:I) tem 58 anos de idade e mora no Ligeiro desde o seu casamento, apesar de ter aprendido a rezar fora de seu ambiente familiar, não quis nos revelar o conteúdo de suas rezas. Quando solicitamos que nos relatasse as rezas ela respondeu:

Isso eu não vou dizer, porque eu quero que a reza seja para mim: É um segredo. Eu quero rezar assim, em segredo. Se eu disser a minha reza não tá sendo um segredo prá mim nem prá ninguém. Aí não tem força de jeito nenhum. (A. R.:I)

Nesta recusa percebe-se um compromisso mais profissional que caseiro na concepção da prática desse ofício por parte desta rezadeira, e como tal envolve uma certa dimensão esotérica que obriga a manutenção do segredo. Situação diversa ocorre com a outra rezadeira entrevistada que não se opõe a revelar a reza empregada para tirar o "mau-olhado", como espécie de iniciativa de difundir esta tradição. Eis o teor de uma reza ditada por ela:

Com dois te botaram, três eu tiraria com o poder de Deus e da Virgem Maria. Tua mãe foi quem te teve e Deus foi quem te criou, se for olhado ou quebranto vai para a banda malogrado e olhar descomungado. (D. R.: 14).

No relato a seguir a rezadeira não só diagnostica o sintoma de "mau-olhado" como expõe a cura obtida após a reza:

Uma vez uma mulher veio de noite com uma menina; estava vomitando, chega estava descombucada. Eu rezei, no outro dia ela disse que não tinha dado remédio e estava boa. (A. R.: 7).

O Oficio de Nossa Senhora constitui uma das rezas que compõem o repertório das rezadeiras, que só deve ser rezado em circunstâncias de muita aflição, como explica uma das rezadeiras: "Quando a pessoa está muito agoniada, assim aflita, o caba vai e reza. Só quando está agoniado. " (D. R.: 14).

Uma outra oração do repertório das rezadeiras que nos foi revelada denomina-se Reza Sangue de Palavra, conforme a invocação a seguir:

Põe-se aqui na veia, como Jesus põe-se na ceia; põe-se no corpo, como Jesus põe-se no horto. Pôe-se em ti, como Jesus cristo põe-se em si. Reza 3 Padre Nosso, 3 ave-maria e 3 glória ao Pai e oferece a N. S. Jesus Cristo e as cinco chagas."(Idem).

Uma das Rezas para curar várias enfermidades constitui uma fórmula a ser adaptada conforme a necessidade, devendo ser mencionado o nome do doente:

Ia Jesus de Maria e José em sua jornada a Belém. Jesus caminhava e o fulano ficava sentado. Jesus disse: levanta fulano. Segue pela longa estrada, por uma longa viagem a minha retaguarda. O fulano disse: Ai Jesus eu não posso! O que tu tens fulano? Dor de dente, dor de pontada (nariz obstruído), constipação (dor nos olhos). Todas essas dores que são colocadas nos teus ossos, tua carne, teus músculos, teu sangue, ficará livre, livre são e curado. Assim como N. S. Jesus foi livre são e curado das suas cinco chagas e a sagrada paixão (D. R.: 14).

No depoimento de outra rezadeira aparece o relato de rezas para curar animais de

criação: “Eu já rezei uma cabra que estava vomitando salmoura de sangue (Idem)”

A segunda rezadeira entrevistada (D. R.: 14) tem 85 anos de idade e a missão ou vocação de rezar como patrimônio ou herança familiar. As fórmulas utilizadas nas rezas são memorizadas, devido à condição de analfabeta de duas das rezadeiras, uma das quais moradora do Ligeiro de Cima. Ela nasceu fora do povoado do Ligeiro e se agregou após o casamento com um dos descendentes dos Antoninos, ele no terceiro matrimônio e ela no segundo. Esta mulher veio de uma família de rezadeiras que remonta às suas bisavós e começou a rezar aos 15 anos de idade. (D. R.:14), ao saber da omissão da outra rezadeira em nos referir o conteúdo das rezas, nos disse:

Quanto mais gente souber melhor porque vai passando. As velhas que me ensinaram já morreram todas; se não tivessem me ensinado eu não sabia. As forças da palavra de Nosso Senhor não podem perder força; pode ensinar, sim senhor. (D. R: 14).

As rezadeiras consideram-se católicas, visto que suas rezas, invocam o poder de Deus, de Jesus da Virgem Maria para realizarem a cura das doenças tais como: mau-olhado, quebranto e espinhela caída.

Daqui em diante apresentaremos outra fisionomia do Ligeiro ao abordarmos a adoção de crenças e práticas oriundas de outros sistemas religiosos que foram introduzidas no Ligeiro através da migração de retorno feita pelos mais jovens do povoado, que saíram para casar ou trabalhar fora. Durante o período em que os Antoninos viviam em suas terras sem a necessidade de saírem delas em busca da sobrevivência, a vida religiosa era constituída pela tradição católica.

Todavia, o contato com novas crenças religiosas e práticas de cunho mágico teria sido comunicada pelos homens mais jovens do povoado de Ligeiro que saíram e se casaram ou se relacionaram com mulheres fora de seu grupo familiar, no retorno para o povoado para casar trouxeram para sua esposa a feitiçaria, feita pela antiga amante. Os homens fora do povoado, mesmo casados, ligam-se a outras mulheres, sendo esta a explicação dada pelas mulheres de Ligeiro para os malefícios que vão surgindo.

Para se defender dessas forças estranhas justificam que é necessário procurar novas práticas para enfrentar o que consideram a feitiçaria vinda de fora , obrigando a saída do circuito religioso, para entrar no mágico.

É por esse motivo que uma das rezadeiras aconselha a ter amizade com os catimbozeiros para evitar que eles realizem algum trabalho maléfico.

É bom ter amizade com esse pessoal que tem catimbó porque se ele quiser fazer um mal, prá gente, ele já sabe que a gente é grande amigo dele. Se a gente desprezar, um dia que quiser fazer o mal, em qualquer lugarzinho que eles quiserem não vão fazer porque a gente é amigo dele. (A.R. :7)

Assim, a crença no feitiço ou magia participa do discurso que justifica determinados tipos de enfermidades, sendo elas reflexos de feitiços, despachos ou coisa feita. As doenças incuráveis são a justificativa ou a motivação principal para a busca de apoio nos cultos mágicos.

Segundo os relatos, os Antoninos se consideram marcados por enfermidades espirituais. A informante (E.), sobrinha da outra informante (Est. A.: 23), sofre de uma doença ainda não diagnosticada. Seu caso já foi estudado e examinado por muitos médicos neurologistas e não encontrou-se ainda solução. Por esta razão, foi levada a centros espíritas, de umbanda e macumba, o que demonstra que eles se constituem a última opção frente ao desespero.

A mulher que fez esta maldade para ela adoecer e morrer. Existe uma força estranha. O demônio também tem força. Se existe uma força do mal pode ter acontecido " (Ed. A:23).

Do relato acima é possível verificar-se que as doenças que precisam de ritos especializados estão dentro de um quadro de doenças psíquicos-mentais. É precisamente após a consulta de neurologistas, "de todo tipo de

médico" que os ligeirenses em desespero recorrem a cultos mágicos.

Eu acredito que existe muita coisa que a gente precisa participar pelas circunstâncias das ocasiões. Há determinadas ocasiões, quando não consegue resolver com os médicos então vai para uma pessoa rezadeira, a pessoa diz assim: se você fizer assim, assim vai melhorar. (Ed.A:23)

Eis o conceito de feitiçaria para uma das rezadeiras do Ligeiro "é uma coisa feita para fazer o mal", este mal está ligado sempre a doenças não diagnosticadas isso porque algumas pessoas na comunidade, acreditam em uma força maligna que é capaz de atuar sobre o indivíduo e provocar-lhe enfermidades, muitas vezes incuráveis. Esta força, no entanto, pode ser quebrada por um mago, utilizando-se do encantamento através de um objeto pertencente ao indivíduo enfermo, mesmo à distância. Este objeto pessoal manipulado pelo mago tem o poder de agir sobre o indivíduo também à distância.

Tenho um parente na Bahia, ela é espírita. Faz parte de um culto nas terças feiras na mesa branca e faz orações para curar coisa feita. (Ed, A.: 23)

O relato a seguir, fala de uma pessoa da comunidade que foi praticamente inutilizada por "uma feitiçaria", uma vez que os médicos não conseguiam diagnosticar sua doença. Então acreditava-se que foi um ato de feitiçaria como fica claro no discurso: “Existe uma força tamanha? Existe! O demônio existe! ele existe, ele tem força". (Ed. A.: 23) Para os ligeirenses o demônio é também concebido dentro da crença cristã, conforme revela o depoimento a seguir: (demônio) "deve ser os maus elementos que tem na terra, no tempo de Jesus já existia, ele tentou Jesus no monte".

Na intenção de saber que tipo de prática fora utilizada nesse caso, obtivemos a seguinte resposta:

Chegaram aqui pedindo um frango de capoeira prá fazer um trabalho prá (Eu). Ela estava doente de coisa. Eu não acredito de jeito nenhum. O frango tinha que ser todo preto. Encontraram esse frango, mataram o frango, fizeram esse trabalho, e não sei o que foi, mas eu nunca vi resultado. (Est A: 2).

No sentido de prática para combater enfermidade. Vejamos o relato:

Quando a pessoa, procurando numa doença um, dois, três, quatro médicos e não tem jeito. Aí vê uma pessoa morrendo, como eu vi, morrendo doido, correndo. Tem que procurar o que pode salvar, né? Do jeito que eu vi ele. Gastei meio mundo de dinheiro comprando todo medicamento e nada. Me informaram esse homem rezador que ,fez só rezar, não fez nada de negócio. Antes ele sentia dor de cabeça, bebia de ficar doido, não dormia, não comia como se fosse enlouquecer. Na reza saiu que tinha uma pessoa admirando ele contra mim. Alguém que tinha interesse nele. Aí a moça tinha raiva de mim e pegou nele. Agora imagine uma criatura, doente, procura o médico e não tem continuação pra frente né: se aperreia muito, e eu quando vejo um doente fico de perder o juízo. (Ha. A.: 15)

Diante da perspectiva plural das experiências religiosas vividas no cotidiano da comunidade estudada, se pode concluir que a religiosidade popular, no meio rural, por trazer em seu bojo uma experiência de convivência em meio a múltiplas práticas e crenças religiosas e mágicas, compõe um universo religioso complexo. Daí, a dificuldade em sistematizar e perceber uma unidade nesse conjunto variado de crenças e práticas das mais diferentes procedências.

Considerações finais

Na tentativa de organizar esse universo variado estabelecemos como critério de sistematização uma fronteira metodológica entre o mundo mágico e o religioso que, de modo algum pretende ser rígida, evitando-se os modelos interpretetativos dicotômicos. Esse procedimento foi motivado pela intenção de produzir no estudo etnográfico um ordenamento

mínimo da vida religiosa da comunidade, no esforço de formular uma interpretação elementar.

A coexistência no Ligeiro de múltiplas crenças e práticas religiosas e mágicas resultam de um sincretismo religioso construído lentamente, que uniu crenças dos povos brancos, indígenas e negros, sendo absorvidas de modo harmonioso com as formas católicas.

Neste cenário tudo parece misturado; fé, magia, milagre, castigo. Existe, porém, a clareza da necessidade de afastar as forças do mal de modo que é precisamente na fronteira entre o mal e o bem, religião e magia, que o homem do campo manifesta sua dificuldade de fixar uma demarcação precisa. Suas concepções são fluidas e cambiantes ainda que presas a tradições.

Entretanto, tanto a religião, quanto a magia praticada pela população estudada constituem dimensões que dominam a vida material e coletiva do lugar, em que as diferentes formas religiosas experimentadas expressam seu caráter eminentemente social. E se a vida material das comunidades é marcada por diferenças e mesmo certa autonomia entre elas, é pela religiosidade popular, encarnada pela tradição católica, que se percebe uma unidade entre as três comunidades do Ligeiro.

Referências

Alves R. *0 que é Religião.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

Brandão CR. *Os Deuses do Povo***.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

Gramsci A. *Concepção Dialética de História.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Mauss M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: EPU/EDUSP, 1974

Mauss M, Hubert H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

Moreira A, Zicman R. *Misticismo e Novas* Religiões. Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 1994.

Ortiz R *A Fragmentada. Ensaios de Cultura Popular e Religião*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

Pritchard E E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azonde. Rio de Janeiro:*Ed. Zar, 1978.

Queiroz MIP de. *O Campesinato Brasileiro. Ensaio sobre a Civilização e Grupos Rústicos no Brasil.* Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1976.

Zaluar A. Milagre e Castigo Divino. In: *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, Presença LTDA, 1980.

Eliane Cordeiro Sanchez Martin: Mestre em Sociologia Rural /UFPB e doutoranda em Teologia - Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil – Recife/PE

Maristela Oliveira de Andrade: Profesora do Programa de pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB